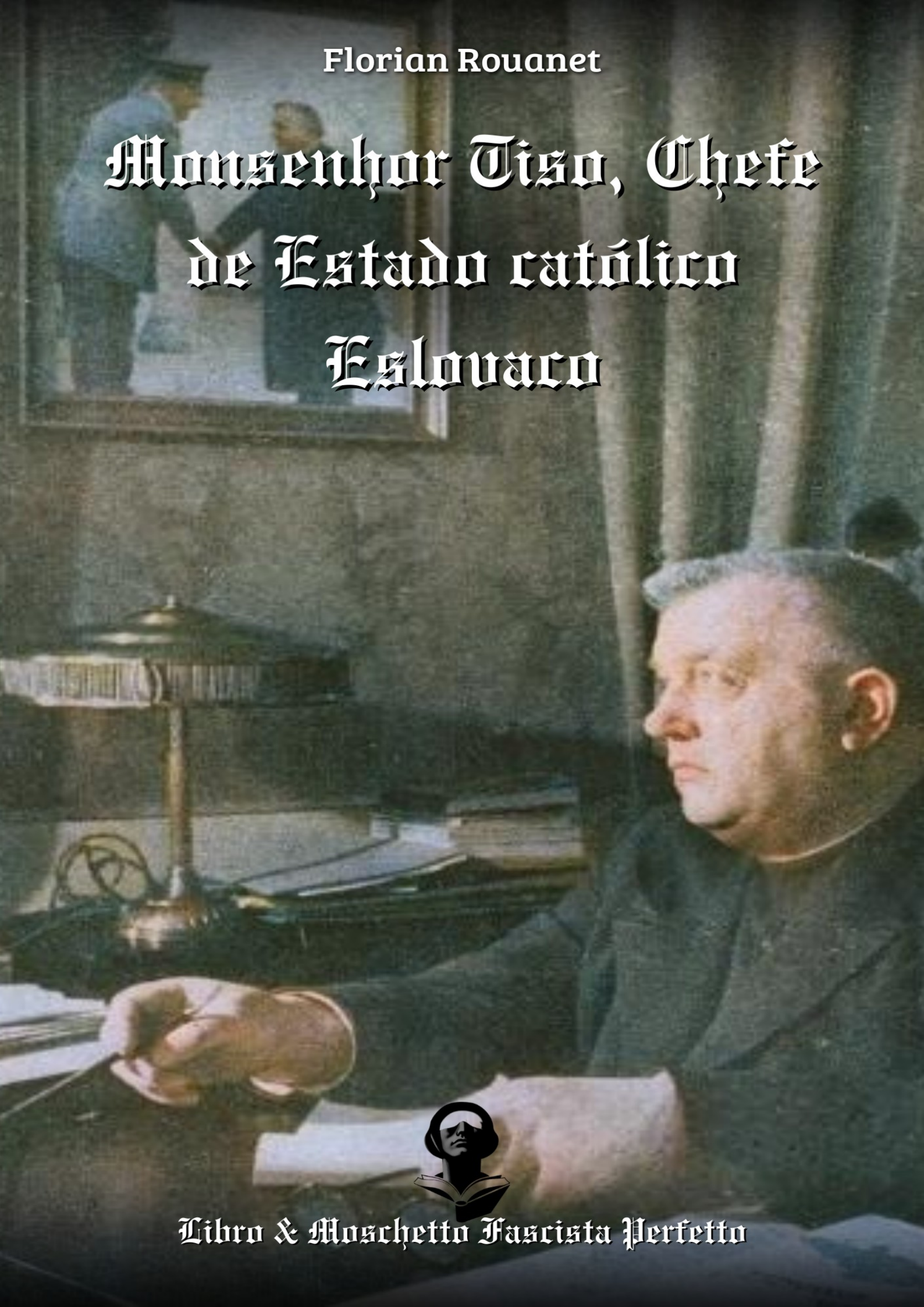
Florian Rouanet

Monsenhor Tiso, Chefe de Estado católico Eslovaco



Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Florian Rouanet

Monsenhor Tiso, Chefe de Estado católico Eslovaco

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

“Este estudo foi publicado originalmente em Le Sel de la terre 71 Chi-ver, 2009-2010). Philippe Girard faleceu na sexta-feira, 9 de maio de 2014, tendo recebido os sacramentos da Igreja. Seu funeral ocorreu na terça-feira, 13 de maio, na igreja do convento de La Haye-aux-Bonshommes. Um “In memoriam” foi publicado em Le Sel de la terre 89 (verão de 2014).”

Sumário

Introdução (anticonformismo e radicalidade):.....5
A Tchecoslováquia/Eslováquia:.....6
Mons. Joseph Tiso e o Estado eslovaco:.....9
TRATADO GERMANO-ESLOVACO DE 23 DE MARÇO DE 1939 – ANEXO 1:.....17
MENSAGEM DE PIO XII A MONS. TISO, DE 5 DE DEZEMBRO DE 1939 – ANEXO 2:….18
MENSAGEM DE MONS. TISO AO POVO ESLOVACO ANTES DE SUA EXECUÇÃO – ANEXO 3.....18

Introdução (anticonformismo e radicalidade):

Havíamos redigido um artigo sobre o único vídeo disponível na internet baseado na obra em questão.

Infelizmente, este trabalho de historiador ignora com muita facilidade as boas relações do Estado eslovaco com o III Reich. Não passa de uma linha branda típica dos divulgadores amplos de Chiré. O autor é exatamente o que afirma ser, um conservador, distante de qualquer radicalismo, mas que assim seja! Ele se rende ao conformismo para apresentar a imagem de um regime voltado à liberalidade e ao federalismo. O autor, aliás, não cede aos alarmismos conformistas quando recorda as deportações soviéticas após a Segunda Guerra Mundial, ou quando minimiza o antissemitismo histórico tcheco. O que, aliás, não é surpreendente vindo do autor de *Dollfuss, o chanceler de Deus*, elogioso a esse líder, que se opôs à Grande Alemanha reunida através do Anschluss (Alemanha e Áustria).

Esse é um grande marcador, que nos distingue de Yves Chiron, por exemplo, a respeito de Padre Pio (*ele fez um bom trabalho, sem mencionar nada sobre Benito Mussolini, já que as reações teriam sido muito favoráveis, e isso o desagrada*). A revista do Sodalitium também foi decepcionante em sua resenha de Dom Benigni, afirmando que o período entre guerras foi sua fase "menos interessante" – sic.

✠

Assim, quer queira ou não, o autor se esforça para distinguir Mons. Tiso dos fascismos, e provavelmente está em parte certo, pois foi seu Primeiro-Ministro quem estava diretamente ligado à Alemanha.

A prioridade de Mons. Tiso foi, de fato, defender as leis de Deus, ao mesmo tempo em que preservava uma identidade tcheca irreduzível, nacional. O que, por si só, tem algo de fascista, já que o nacionalismo não se opõe a isso (*embora não compartilhe a concepção civilizacional de uma Grande Europa, por outro lado*). Exceto que a ligação com o Reich e sua diplomacia foi muito mais estreita do que a de Dollfuss, e seus anexos são forçados a reconhecer isso.

✠

A Tchecoslováquia/Eslováquia:

País atestado no século IV, fazendo parte da Grande Morávia no século IX, depois anexado pelos húngaros por “1000 anos” (*a derrota da Hungria pelos turcos a partir de 1526 acabou por conferir uma importância mais particularizada a esses territórios*).

O abade Hlinka, bastante citado, também foi uma referência do nacionalismo católico eslovaco, tendo preparado o terreno para o advento do regime, tal como o descobrimos na obra.

A Hungria, por razões imperiais e, por vezes, progressistas (maçons), anti-tradicionais e contrárias ao enraizamento, opôs-se durante muito tempo ao panslavismo da região, a qual desejava obter sua autonomia como todas as nações constituídas por uma hierarquia e um povo.

O povo étnico ainda era majoritariamente camponês e profundamente católico naquele período.

> “Com uma superfície de 49.124 km e uma população de cerca de 5.500.000 habitantes, a Eslováquia, a antiga”

Panônia do Império Romano, é um pequeno país da Europa Central. Situada entre a Polônia, a Boêmia, a Morávia, a Hungria e a Ucrânia, ela está no coração do mundo eslavo. Com os poloneses, os tchecos, os croatas e os eslovenos, os eslovacos formam o grupo dos eslavos do Ocidente, do qual foram o primeiro povo a ser cristianizado. (…)

Em 1635, uma universidade foi fundada pelos jesuítas. Com esse papel político, administrativo e intelectual de grande importância, desenvolve-se progressivamente a afirmação de uma consciência nacional eslovaca. (…)

Em 1787, **o sacerdote católico Anton Bernolak propõe uma primeira codificação completa da língua eslovaca**, definitivamente realizada em 1843. E o movimento de emancipação nacional, ilustrado por Ludovit Stur, se amplia no século XIX.

> *"Em 1848, aproveitando a sucessão de insurreições armadas que, de Paris a Viena, abalam a Europa, e que, sob o pretexto de "libertar" as nacionalidades, não expressam, na realidade, senão a ação concertada dos liberais e dos socialistas inspirados pelas sociedades secretas revolucionárias (franco-maçonaria, carbonários) para derrubar as estruturas tradicionais das sociedades."*[1]
>
> *"Os governos francês e inglês reconheciam, em junho de 1918, sua existência como representante oficial do futuro Estado, antes mesmo do desaparecimento da Áustria-Hungria."*
>
> *Descubra o abade Hlinka em: os dois trabalhos capitais de Joseph A. Mikus: A Eslováquia no drama da Europa, e: A Eslováquia, uma nação no coração da Europa, Lausanne, L'Age d'Homme, 1992. – Sobre a personalidade controversa de Benes: A Eslováquia no drama da Europa, p. 289 e seguintes.*
>
> *"Durante o recenseamento de 1921, a Tchecoslováquia contava com 13.613.172 habitantes, dos quais aproximadamente metade eram tchecos, 3,1 milhões alemães, 2,3 milhões eslovacos, 745.000*

1 *Ver a obra de J. Crétineau-Joly, A Igreja romana diante da Revolução, reedição Cercle de la Renaissance française, Paris, 1976 (2 t.).*

húngaros, 460.000 rutênios (ucranianos da Ucrânia subcarpática), 180.000 judeus, em sua maioria germanófonos, e algumas dezenas de milhares de poloneses, romenos e ciganos. Nesses números está inscrito o destino da primeira república tchecoslovaca, sendo essa heterogeneidade étnica, evidentemente, uma ameaça direta à sua estabilidade."

"O sistema político tcheco, incapaz de atender às demandas mais razoáveis, preso em suas certezas, permaneceu sistematicamente surdo às propostas da oposição liderada pelo Partido Popular Eslovaco (PPS) do abade Hlinka, ainda que fossem as únicas capazes de evitar a decomposição da república tcheca, que se tornaria evidente em 1938, ano em que, após realizar a anexação da Áustria (Anschluss), Hitler prosseguia metodicamente seu programa de expansão territorial, desta vez em direção a Praga."

"A forte minoria alemã residente no país, denominada alemães dos Sudetos, cansada de sofrer vexações e injustiças, acabara de apresentar uma solicitação de proteção ao governo tcheco. A questão interna das minorias tornava-se, assim, internacional. Entre os responsáveis políticos franceses e ingleses, apesar das manobras de um forte grupo belicista, o cuidado em preservar a paz na Europa prevaleceu e conduziu aos acordos de Munique de 29 de setembro de 1938, pelos quais a Alemanha recebeu um terço do território tcheco, majoritariamente habitado por germanófonos."

Em 5 de outubro, enquanto Masaryk desaparecia, Benès, que lhe havia sucedido na presidência da República em 1935, apresentou sua renúncia. No dia seguinte, em Žilina, seis partidos políticos, sob a liderança do PPS, declararam a autonomia da Eslováquia, reconhecida pelo Parlamento de Praga em 19 de novembro; sob a direção de Mons. Tiso, nomeado Primeiro-Ministro, um governo eslovaco foi proclamado, e a Tchecoslováquia se tornava a Federação da Boêmia-Morávia, Eslováquia e Rutênia Subcarpática. Mas essa nova entidade não agradava à Alemanha, incontestável senhora do jogo internacional na Europa Central. Um erro de Praga precipitaria o fim da crise. Em 9 de março de 1939, o governo

tcheco decretou a dissolução do governo autônomo eslovaco, proclamou a lei marcial na Eslováquia e prendeu 250 personalidades eslovacas, incluindo Mons. Tiso, colocado em residência vigiada em um mosteiro de Bratislava ocupado pelo exército tcheco. Foi então que Hitler decidiu dar um fim à situação.

Convocando Mons. Tiso a Berlim, que entrementes havia escapado, colocou-o diante da obrigação de escolher entre a independência eslovaca garantida pela Alemanha e a partilha de seu país entre a Alemanha, a Hungria e a Polônia.

Após muitas hesitações, Mons. Tiso aceitou, constrangido e forçado, a independência à qual não aspirava e que foi ratificada pela Assembleia Nacional de Bratislava, em 14 de março de 1939, dia oficial da independência da Eslováquia. No dia seguinte, as tropas alemãs entravam em Praga.

Se Hitler havia imposto a independência a Mons. Tiso, é porque ela era a condição que lhe permitia instalar, na parte tcheca da Federação nascida dos acordos de Munique, um satélite do Reich, o Protetorado da Boêmia-Morávia. Assim se concluiu a desintegração da Tchecoslováquia nascida em 1918.

> "Na verdade, a Tchecoslováquia não foi destruída pela Alemanha, ela se decompôs. Certamente, a Alemanha a ajudou a morrer, mas sua propaganda teria sido vã se não tivesse podido explorar os ressentimentos entre tchecos e eslovacos.[2]"

Mons. Joseph Tiso e o Estado eslovaco:

Percurso:

> "Joseph Tiso nasceu em Veľká Bytča, pequena localidade aos pés dos Cárpatos Brancos, no noroeste do país, em 13 de outubro de 1887, filho de Gaspard e Thérèse Tiso, agricultores, sendo o segundo de uma família de sete filhos. Ingressou no seminário maior de Nitra e obteve seu diploma de teologia no Pazmaneum de Viena, onde foi aluno de Mons. Seipel, futuro chanceler da República da Áustria. Ordenado sacerdote em

2 Louis VILLAT, *Tchecoslováquia*, Larousse mensuel, julho de 1939. Citado em J.A. MIKUS, *A Eslováquia, uma nação no coração da Europa*, p. 54.

1910, foi vigário de paróquias rurais e depois pároco da vila de Bánovce. Capelão militar no início da Primeira Guerra Mundial, desmobilizado por motivos de saúde, tornou-se diretor espiritual no seminário diocesano de Nitra e secretário do bispo. Em 1919, fundou a seção regional de Nitra do Partido Popular Eslovaco, criado em 1905 pelo abade Hlinka (1864-1938, que seria bispo de Nitra, o santuário nacional religioso da Eslováquia) e que se pretendia a encarnação da alma nacional no quadro da defesa dos valores cristãos frente ao liberalismo e ao socialismo. (…) Orador, escritor, jornalista, o abade Tiso foi um propagandista eficaz, o que lhe valeu seis semanas de prisão. Derrotado nas eleições de 1920, foi eleito deputado em 1925 para o Parlamento de Praga e tornou-se ministro da saúde em 1927, em conformidade com a posição do PPS, que buscava uma reorganização da república tchecoslovaca com base nos acordos de Cleveland e de Pittsburgh. Essa atuação dentro da legalidade deixou o governo indiferente, mas foi fortemente criticada pelos elementos mais radicais do partido, liderados por Vojtech Tuka; com isso, o PFS perdeu 80.000 votos nas eleições de 1929 e seus representantes no governo se demitiram. Em 16 de agosto de 1938 morria Mons. Hlinka, e o abade Tiso lhe sucedia à frente do partido. Em 6 de outubro, tornava-se Primeiro-Ministro do governo autônomo eslovaco, depois, em 14 de março de 1939, chefe do Estado eslovaco independente.”

“A sutileza e a habilidade que o prelado soube demonstrar nas negociações com Hitler, relativas às relações germano-eslovacas (…) Em troca da garantia de sua independência pelo Reich, a Eslováquia estava, pelo tratado de 23 de março de 1939, na obrigação de seguir a orientação alemã em política externa. (…)”

Um Conselho de Estado de 27 membros controlava o funcionamento das instituições e deveria, eventualmente, desempenhar o papel de uma Alta Corte de Justiça. O trabalho dos setores sociais desfavorecidos era protegido, e a luta de classes proibida, em favor da colaboração de todas as forças sociais e

econômicas organizadas em corporações amplamente autônomas. De inspiração em parte liberal, a Constituição também se fundamentava nas encíclicas *Rerum Novarum* (1890) e *Quadragesimo anno* (1931).

Seu preâmbulo dispunha:

"Protegida pela Providência, a nação eslovaca se manteve por séculos no espaço que lhe é destinado e, com a ajuda do Todo-Poderoso, organizou-se na missão do Estado de unir, de acordo com o direito natural, todas as forças morais e econômicas do povo em uma comunidade cristã e nacional (de inspiração nacional-socialista)"

Em 21 de setembro de 1939, Mons. Tiso declarou ao Parlamento:

"Não queremos ser e nunca seremos escravos de uma ideologia, seja qual for, que não mergulhe suas raízes em nossas tradições eslovacas e que não esteja ligada ao nosso espírito eslovaco e cristão.

Nossa única ideologia é aquela que defende os interesses materiais e espirituais da nação eslovaca. Que se me compreenda bem, e especialmente no que se refere à ideologia cristã, da qual estou convencido de que não pode entrar em contradição com os interesses da nação."

Para além de qualquer disputa de igreja, entende-se que a ideologia cristã está enraizada em nossa vida nacional e política. Devemos, no entanto, aprofundar seu conhecimento para opor às outras ideologias o espírito crítico que nos evitará tornar-nos seus escravos. (…)

André Hlinka e seu sucessor Joseph Tiso eram, acima de tudo, sacerdotes católicos, profundamente enraizados na tradição milenar da Igreja, e para os quais o Estado secular, ponto de partida e trampolim dos movimentos fascistas, era um escândalo.

Para eles, o despertar da individualidade nacional eslovaca significava a conservação e o fortalecimento do ambiente cristão: combatiam a influência tcheca não por ela ser tcheca, mas porque era ateia. Nutriam certa simpatia por Mussolini e imitavam alguns de seus métodos; certamente concordavam com ele em sua crítica comum ao Estado liberal democrático; mas essa simpatia resultava, no máximo, em um certo pró-fascismo.”

A Eslováquia e a Guerra Mundial:

“O primeiro cuidado de Mons. Tiso, diante do conflito mundial, foi limitar ao máximo o engajamento militar a que o obrigava o tratado imposto em 1939. A Eslováquia teve de aderir ao Pacto Tripartite em novembro de 1940, e depois ao Pacto Anti-Komintern em novembro de 1941, mas sua participação na campanha da Polônia se restringiu a permitir o uso de campos de aviação pela Luftwaffe e, contra a URSS, ao envio para a Frente Oriental de uma divisão de 12.000 homens, enquanto outra divisão de 8.000 homens assegurava missões de segurança nos retaguardas da frente. Mons. Tiso teria desejado manter seu país fora do conflito, mas a declaração de guerra à URSS foi feita ilegalmente pelo Primeiro-Ministro Luka, sem consulta ao governo nem ao Parlamento. (…)

Graças à solidez da moeda, a coroa, a balança do comércio exterior apresentava superávit e a economia nacional registrou uma taxa média de expansão de cerca de 6%, o que é excepcional durante um conflito mundial; a Eslováquia pôde ser considerada como prestes a se tornar a Suíça da bacia do Danúbio'1. A melhoria do estado social foi uma preocupação intensa de Mons. Tiso, que teve de recordar as múltiplas atividades que desempenhou, jovem vigário, nas obras escolares, culturais e sociais, em suas criações de uniões de crédito, sociedades de compra, cooperativas, mutualidades… As condições de existência foram claramente melhoradas por aumentos salariais, auxílios familiares e pelo desenvolvimento do equipamento hospitalar. Durante toda a guerra, os bens de consumo básicos

estiveram facilmente disponíveis no mercado. No plano cultural, foram fundadas uma Escola Politécnica, uma Faculdade de Ciências Naturais, uma Faculdade de Ciências Econômicas, uma Academia de Ciências e Artes; Do ensino primário à universidade, a rede escolar conheceu um aumento significativo. A edição literária cresceu notavelmente."

As minorias comunistas e protestantes eram combatidas sem serem excessivamente incomodadas, à exceção dos judeus:

"Sob a pressão alemã e sob o impulso dos elementos eslovacos favoráveis à Alemanha, a Eslováquia dotou-se de algumas instituições e de um decoro característicos dos regimes totalitários, mas o espírito do Estado eslovaco era outro, inspirando-se, como se disse, na doutrina social cristã. Entre aqueles que seguiam Mons. Tiso e aqueles que, sob a liderança de Tuka, Primeiro-Ministro e, além disso, Ministro das Relações Exteriores, agindo conforme a vontade expressa de Hitler, desejavam um alinhamento com Berlim, houve lutas de influência nas quais Mons. Tiso, sobretudo graças às suas estreitas relações com a Santa Sé e à sua habilidade, conseguiu manter, em grande parte, sua visão equilibrada e moderada das coisas. Um caso delicado foi o dos cidadãos judeus. A legislação eslovaca submeteu-os, inicialmente, à aplicação de um *numerus clausus*, em relação ao seu percentual de 4% da população, em certas profissões. Posteriormente, um código judaico entrou em vigor, apesar da oposição de Mons. Tiso e da maioria dos deputados, de modo que o governo de Tuka o publicou sob a forma de um decreto-lei e não de uma lei cujo voto não pôde ser obtido. Esse código judaico foi fortemente criticado pelos bispos eslovacos; Mons. Tiso empenhou-se em limitar seus efeitos, como lhe permitia uma de suas disposições'3. Acima de tudo, os judeus passaram a sofrer as perseguições alemãs a partir de março de 1942;

A Insurreição de agosto de 1944 e o fim do Estado eslovaco:

"Desde o início de 1914, o Exército Vermelho avança sobre a Europa. O exército alemão e seus aliados não podem fazer mais do que retardá-lo."

"O referido levante é um dos temas mais controversos da história moderna eslovaca. Não foi nem 'eslovaco' nem 'nacional'. Mas, como, no entanto, deu aos soviéticos a oportunidade de alegar que tinham então a opinião eslovaca a seu favor, puderam nele encontrar a justificativa para impor o sistema comunista em todo o país.[3]

"Uma missão militar alemã que atravessava o país foi massacrada, e o comando alemão reagiu imediatamente e de forma brutal; várias divisões penetraram na Eslováquia e, com elementos do exército eslovaco que se haviam juntado aos insurgentes, procederam ao seu desarmamento e, em menos de dois meses, esmagaram a insurreição. Enquanto o exército eslovaco teve 2.500 mortos na guerra contra a URSS, houve 25.000 mortos nos combates e na repressão que se seguiu. O Exército Vermelho, tão próximo, não interveio e deixou os alemães esmagarem os insurgentes, exatamente como diante de Varsóvia, quase ao mesmo tempo. [4]

"Em 23 de janeiro de 1945, o Parlamento realizou sua última reunião.

Após uma última declaração: "A nação eslovaca, reivindicando o direito natural que lhe foi conferido por Deus, foi, é e será uma nação distinta e independente, tendo sua própria existência…", os deputados se separaram ao som do hino nacional e do hino pontifício. Após ter recusado uma proposta soviética de se tornar aliado da URSS, Mons. Tiso organizou a evacuação e, na Páscoa, com seu governo e 10.000 pessoas de todas as condições sociais, tomou o caminho do exílio.

3 A Eslováquia, uma nação no coração da Europa, p. 225.
4 A Eslováquia no drama da Europa, p. 185 e seguintes.

Mártir da fé e da nação:

> “Mons. Tiso não conseguiu se deslocar a Munique, junto ao cardeal Faulhaber. Em abril de 1945, foi capturado pelo exército americano. As autoridades americanas o consideraram um ‘criminoso de guerra’ e, em outubro, o entregaram aos soviéticos, que o repassaram imediatamente a seu amigo Benès. Não se sabe em que nível foi tomada essa decisão, que equivalia a condenar Mons. Tiso à morte, mas, na época, a simpatia de certos círculos dirigentes dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha por Stálin era tal que dezenas de milhares de anticomunistas foram entregues à URSS e à Iugoslávia de Tito. Benès, após ter passado a guerra em Londres e depois em Moscou, organizou, desde seu retorno, a purga com o auxílio dos serviços policiais soviéticos; 20.000 eslovacos foram deportados à URSS e, no local, prisões e campos de concentração foram preenchidos, sob a acusação de terem colaborado com a Alemanha, todos aqueles que, na realidade, poderiam opor-se à sovietização do país, consequência inevitável do tratado de assistência mútua assinado por Benès em 12 de dezembro de 1943, em Moscou. (…)
>
> Benès não interveio e Mons. Tiso, após ter passado a noite de 17 para 18 de abril [1947] em orações e ter comungado, foi enforcado ao amanhecer, com um crucifixo e um terço nas mãos; pouco antes, havia redigido uma última mensagem ao povo eslovaco.
>
> Em 25 de fevereiro de 1948, o “golpe de Praga” fez o país entrar, por mais de quarenta anos, na noite comunista. Em abril de 1990, a Tchecoslováquia tornou-se a República Federativa Tcheca e Eslovaca. Mas muito rapidamente, com os retratos de Mons. Tiso, voltou a lembrança do tempo do Estado eslovaco e, em 1º de janeiro de 1993, após uma separação amigável de Praga, a independência eslovaca foi restaurada.”

Aqui estão algumas citações que lhe foram ocultadas pela redação do “tradi fragile”, que colava suas manias à nossa personalidade histórica do dia:

Jozef Tiso, 28 de agosto de 1942, Holíč:

"As pessoas se perguntam se o que está sendo feito aos judeus é cristão. É humano? Não é um roubo?… Pergunto-me se é cristão quando uma nação quer se libertar de seu inimigo eterno, o judeu?…

"O amor-próprio é um mandamento de Deus, e esse amor-próprio me ordena eliminar… tudo o que me prejudica ou que ameaça minha vida. Não creio precisar convencer ninguém de que o elemento judeu ameaçava a vida dos eslovacos.… Teria sido ainda pior se não tivéssemos nos recomposto a tempo, se não os tivéssemos purgado de nós. E fizemos isso segundo o mandamento divino: Eslovaco, expulsa o teu parasita."

Mons. Tiso, em um artigo publicado pelo jornal Slovák, em 7 de setembro de 1941:

"Será uma surpresa para muitos se eu afirmar que os princípios sociais expressos pelas encíclicas do Papa e os princípios do nacional-socialismo são os mesmos. Os princípios das encíclicas papais, os princípios principais sobre os quais será fundada a organização social na Eslováquia, e os princípios do nacional-socialismo são idênticos. E só aquele que não leu nem uns nem outros, ou que não os comparou, pode falar de uma luta entre eles."

Mons. Ján Vojtaššák, 1936 (fonte a ser especificada!):

"O catolicismo de hoje deve ser militante. Segurando o terço em uma mão e a espada do espírito na outra, inundaremos toda a Eslováquia e a libertaremos da praga marxista e bolchevique."

ANEXOS

TRATADO GERMANO-ESLOVACO DE 23 DE MARÇO DE 1939 – ANEXO 1:

– A Alemanha se encarrega de defender a independência e a inviolabilidade territorial do Estado eslovaco.

– Para assegurar a defesa assumida pela Alemanha, as forças armadas alemãs terão o direito, a qualquer momento, de estabelecer instalações militares na zona situada entre a fronteira ocidental do Estado eslovaco e o contorno oriental dos Pequenos Cárpatos, o contorno oriental dos Cárpatos Brancos e o contorno oriental do Maciço dos Javorniky, e de mantê-la ocupada por tropas em número que considerar necessário. (…)

Nessa zona, a soberania militar será exercida pelas forças armadas alemãs. Os cidadãos alemães que estiverem ocupados na instalação das instalações militares na referida zona estarão sujeitos à jurisdição alemã. (…)

De acordo com o relatório de proteção estabelecido, o governo eslovaco conduzirá sempre sua política externa em estreita concordância com o governo alemão.”

Um documento clássico de entendimento e de proteção anticomunista, a respeito da geopolítica do Reich, assinado por Ribbentrop.

MENSAGEM DE PIO XII A MONS. TISO, DE 5 DE DEZEMBRO DE 1939 – ANEXO 2:

“Filho muito amado, homem ilustre e honrado, saudações e bênção apostólica.

Por meio de uma carta oficial do mês passado, soubemos que foste eleito Presidente da República Eslovaca e que já assumiste o cargo. Agradecemos por esta notícia, rogando a Deus que, em sua benevolência, conceda à tua nação, que nos é muito cara, verdadeira prosperidade e fidelidade.

Aprovamos vossas intenções louváveis, expressas em sua carta, de querer, no cumprimento de sua tarefa, esforçar-se para manter as relações que existem entre nós e aprofundá-las. Prometemos apoiá-lo com todos os nossos esforços na realização desse projeto.

Entretanto, como garantia dos dons celestiais, concedemos de boa vontade nossa bênção apostólica no Senhor, a ti, filho muito amado, homem ilustre e honrado, assim como a toda a nação eslovaca. (…)”

MENSAGEM DE MONS. TISO AO POVO ESLOVACO ANTES DE SUA EXECUÇÃO – ANEXO 3.

“No espírito do sacrifício que vou suportar, dirijo esta mensagem à nação eslovaca.

Permaneçam sempre e em todas as circunstâncias unânimes na realização do nosso grande princípio: “Por Deus e pela Nação!” Tal não é apenas o sentido evidente da história eslovaca, é também uma ordem que Deus deu como lei natural à nossa nação e a todos os que dela fazem parte.

Durante toda a minha vida, obedeci a esta lei. Assim, considero-me, antes de tudo, o mártir desta lei divina e, em seguida, o mártir da defesa do cristianismo contra o bolchevismo, do qual a nação deve se proteger por todos os meios, não apenas para permanecer fiel ao seu caráter cristão, mas também no interesse de seu futuro. Assim como vos peço que não me esqueçam em vossas orações, prometo interceder junto a Deus, supremo

Senhor deste mundo, para que Ele tenha sempre a nação eslovaca sob Sua santa proteção, a abençoe em sua luta “por Deus e pela Nação” e lhe conceda permanecer sempre fiel à Igreja de Cristo.”

“Será uma surpresa para muitos s**e eu afirmar que os princípios sociais expressos pelas encíclicas do Papa e os princípios do nacional-socialismo são os mesmos**. Os princípios das encíclicas papais, os princípios principais sobre os quais será fundada a organização social na Eslováquia, e os princípios do nacional-socialismo são idênticos. **E somente aquele que não leu nem uns nem outros, ou que não os comparou, pode falar de uma luta entre eles.**” – Mons. Tiso, em um artigo publicado pelo jornal Slovák, em 7 de setembro de 1941.